

Educação para a sustentabilidade: estudos ambientais nas abordagens da AGB-PA

3-Educación y enseñanza de la geografía

Pires de Souza, Eva Joelma¹; Guareschi Fioreze, Zélia²

Universidade de Passo Fundo/ Brasil

Introdução

A preocupação com a sustentabilidade ambiental leva a que a cada dia inúmeros profissionais de diferentes áreas de atuação se envolvam com essas questões. O profissional de Geografia, historicamente, desenvolve seu trabalho voltado aos estudos da natureza e das transformações feitas pelo homem nas paisagens naturais, durante a construção do espaço geográfico. Por isso, atualmente, o professor de Geografia atua diretamente com a educação ambiental nas escolas, ao analisar com os alunos essas modificações e repercussões provocadas pelas ações humanas sobre o meio. Há poucas décadas, ao estudar a construção do espaço geográfico, não havia a preocupação com os impactos da sociedade sobre meio ambiente; hoje, o professor desenvolve um trabalho onde não somente destaca as modificações, mas analisa as consequências destas para o meio ambiente, contribuindo efetivamente com educação para a sustentabilidade.

Além do âmbito escolar, o geógrafo tem desempenhado um importante papel nas atividades que contribuem para a preservação ambiental, seja com pesquisas sobre o assunto, seja no exercício de suas atribuições profissionais relacionadas com a sociedade e com o meio ambiente; conseqüentemente contribui para uma Educação Ambiental voltada para o desenvolvimento sustentável.

Com o fim de contribuir para uma reflexão sobre a educação para a sustentabilidade, propõe-se, neste trabalho, fazer um estudo sobre as questões ambientais nas publicações da Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre (AGB-PA), no período compreendido entre 1974 – 2008. A AGB – PA é uma instituição que, desde sua instalação, destaca-se na produção e divulgação de conhecimentos geográficos, contribuindo também para divulgar estudos sobre as questões ambientais.

O estudo que se apresenta fundamenta-se, basicamente, no levantamento das formas de abordagem da temática ambiental pela associação, além de conteúdos e conceitos. Depois de identificadas as formas de abordagem, trabalhou-se diretamente com os textos publicados em anais e no periódico publicado pela AGB-PA, o *Boletim Gaúcho de Geografia*. A metodologia adotada inclui leitura, classificação e fichamento do material, possibilitando a análise da temática, cujos resultados estão expressos no texto.

Os dados obtidos e a fundamentação teórica permitem-nos conhecer a recorrência com que o tema foi tratado, bem como a importância da temática ambiental em relação a outros estudos, identificando o envolvimento do profissional de Geografia com as questões ambientais e a sustentabilidade ecológica.

Por meio deste estudo, é possível, também, conhecer a contribuição da instituição para a educação ambiental, na medida em que abre espaços para discussão, pesquisa e produção que se desenvolvem nesta área. A AGB-PA constitui-se num local de socialização de saber de

¹ Licenciada e Bacharel em Geografia/UPF. Pós-Graduanda em Educação Socioambiental/UPF. Professora na rede estadual de ensino público do Estado do Rio Grande do Sul e Geógrafa no Laboratório de Geografia/UPF.

² Licenciada em Geografia/UPF. Mestre em História/UPF. Professora no Curso de Geografia/UPF.

pesquisadores e intelectuais de diferentes áreas do conhecimento, o que direciona esta pesquisa também para a identificação da formação e atuação dos profissionais que produziram sobre a temática ambiental nas suas publicações.

Relação entre Geografia e Educação Ambiental

Pensar na conservação do meio ambiente é pensar em educação, pois é o caminho para a conscientização sobre o uso dos recursos e as limitações do planeta Terra. Na perspectiva de sensibilizar o homem para um consumo consciente dos recursos naturais, pensa-se numa Educação Ambiental que deve acontecer nas diferentes esferas sociais e não apenas na escola. Para a escola, está previsto nos seus currículos espaço para reflexão sobre os problemas ambientais, estudados especialmente após o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1998, que tratam a Educação Ambiental como um dos temas transversais a serem desenvolvidos de forma interdisciplinar, integrando várias áreas do conhecimento.

A educação é a base para o longo processo de mudanças que visam à preservação do planeta. No entanto, é importante lembrar que também as políticas públicas exercem um papel importante nesse processo e devem envolver planos e ações que busquem um processo de desenvolvimento e conservação do meio ambiente. Para isso, são necessários projetos de desenvolvimento sustentável amparados numa educação ambiental de abrangência coletiva, que possibilite à comunidade participar e avaliar suas ações sobre o meio.

A sustentabilidade, entendida como as relações solidárias que se estabelecem entre o homem, a vida e o mundo, pode ser considerada como um contraponto ao modelo econômico adotado e às evoluções tecno-científicas. Estas, ao mesmo tempo em que contribuem para o desenvolvimento, podem ocasionar o desequilíbrio do meio se usadas de forma irracional, sem avaliação das consequências futuras, seja pela exploração dos recursos, seja pela geração excessiva de resíduos.

O uso descontrolado dos recursos naturais leva à degradação do meio ambiente. Logo, entende-se que a degradação ambiental é um processo social, pois ocorre num certo espaço e numa dada sociedade; também a busca pelo uso consciente dos recursos naturais, que visa garantir a qualidade, a manutenção e preservação da vida no planeta, são resultados das reflexões e ações do homem sobre a natureza; portanto, também é um processo social. Esses processos sociais são elementos que qualificam (ou desqualificam) uma sociedade e por isso merecem investigação geográfica.

Segundo Veloso, o geógrafo “em sua formação básica (graduação) adquire conhecimentos sobre os diversos componentes dos meios físico, biótico e antrópico, bem como dos processos de interação entre os mesmos na dimensão espaço-temporal, que constituem elementos técnico-científicos fundamentais para a análise do meio ambiente” (1996, p. 48). Logo, podemos perceber, na colocação feita pela autora, que o geógrafo desenvolve a Educação Ambiental enquanto trabalha conteúdos específicos de sua área. Para entendê-la sob este prisma, é importante conhecer o conceito de Educação Ambiental e sua relação com a Geografia. O Ministério de Educação (MEC), ao inserir seu estudo nas escolas, define-a como um

processo ensino-aprendizagem mediante o qual se objetiva transmitir e receber conhecimentos capazes de contribuir para aperfeiçoar as relações de cada indivíduo com o meio ambiente e desenvolver um conjunto de ações educativas voltadas para a compreensão da dinâmica dos ecossistemas, considerando os efeitos da relação do homem com o meio, a determinação social e a evolução histórica dessa relação (CORIOLANO, 1997, p. 39)

Para Carvalho apud Silva, a definição de Educação Ambiental desde a Conferência de Estocolmo, em 1972, “aproxima-se cada vez mais do conceito de cidadania, ou melhor, passa a ser pré-requisito para a constituição de cidadãos” (CARVALHO apud SILVA, 2005, p. 64).

Para Silva (2005) não há como negar que a Geografia, enquanto ciência que trabalha a conexão entre as características sociais e naturais do mundo em que vivemos, está muito próxima da concretização de Educação Ambiental, reforçando a ideia de que a procura pelo desenvolvimento e o respeito pelo equilíbrio da natureza também fazem parte do cotidiano do geógrafo.

A preocupação com as questões ambientais esteve presente principalmente entre os geógrafos e cientistas que aderiram à tendência da Geografia Ecológica, podendo ser observado nas produções de cunho geográfico de obras que anteriormente se dedicavam exclusivamente à Geografia Física e que evoluíram para pesquisas mais abrangentes, que abordam, também, as questões ambientais.

Suertegaray e Schäffer dizem que,

A questão ambiental só torna-se tema de debate mais amplo no final da década de 60, quando a sociedade, através de alguns segmentos, passa a questionar a qualidade de vida, no entanto sabe-se que o conhecimento geográfico historicamente privilegiou a temática ambiental, pelo fato da Geografia tratar do estudo da paisagem, o ambiente ou o ambientalismo sempre esteve presente nas análises geográficas e, por extensão, o conhecimento da natureza vem fazendo parte da estrutura curricular dos cursos de Geografia (1988, p. 90-93)

Para Rodrigues, embora o estudo da natureza e das relações estabelecidas entre o homem e o meio sejam historicamente objeto de estudo geográfico, houve uma evolução na forma como são vistas essas relações e interdependências; para o autor, desde o surgimento da Geografia como ciência no século XIX, até aproximadamente a década de 1970, ela buscava o estudo da relação homem-natureza, sendo a natureza determinante ou uma possibilidade das ações do homem. Na conjuntura capitalista, a natureza era vista como um recurso a ser explorado, sem preocupação quanto à escassez. A partir de 1970, pode-se perceber que o enfoque dos estudos geográficos se dá no âmbito das relações sociedade-natureza e procura considerar os processos de interação homem x homem e homem x natureza na busca de um desenvolvimento sustentável que garanta a continuidade dos recursos naturais.

Ao discorrer sobre a Geografia Ecológica, Andrade afirma que

Não há, naturalmente, identidade ideológica entre os vários geógrafos sobre soluções a serem dadas aos problemas ecológicos, mas em comum eles condenam a política desenvolvimentista, que vem financiando a devastação da vegetação natural, feita de forma indiscriminada, e a implantação de indústrias altamente poluidoras, sem a utilização dos mecanismos que neutralizam os efeitos poluentes e a degradação das condições de vida e de alimentação das populações (1992, p.121).

Para Mendonça, na evolução do pensamento geográfico, desde o início da concepção como ciência, inúmeros geógrafos legaram importantes contribuições científicas para a compreensão do quadro natural do planeta. (2005, p.24). Dentre os geógrafos que contribuíram para os estudos ambientais, Andrade cita Jean Tricard, renomado geógrafo francês, que publicou um livro no qual dava uma visão global da Geografia Ecológica, e Paskoff, que também fez publicações sobre áreas desérticas ou em processo de desertificação, tornando-se uma publicação de caráter geográfico sobre as questões ambientais; ainda Hilgard O’Railly Sternberg, que lecionou a cadeira de Geografia do Brasil na Universidade Federal do Rio de Janeiro e que mesmo depois de sair do Brasil e se radicar na Califórnia, continuou seus

estudos e pesquisas na Amazônia³; o geomorfólogo brasileiro Aziz Nacib Ab'Sáber e o professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro destacam-se por seus trabalhos voltados aos estudos e preservação ambiental (2006, p. 192-195).

Dentre os pensadores da Corrente Ecológica pode-se citar René Dumont, agrônomo francês que se preocupou com várias questões de ordem política, econômica e social, dedicando-se a escrever livros sobre a fome e o subdesenvolvimento como um subproduto do crescimento econômico capitalista, trazendo presente uma forte relação entre natureza e a sociedade. Destacou-se, também, o economista polonês (naturalizado francês) Ignacy Sanchs, que viveu muitos anos no Brasil dedicando-se a programas que visassem um eco-desenvolvimento, o que hoje se chama desenvolvimento sustentável. (ANDRADE, 1992, p. 119).

As questões relativas ao meio ambiente não são específicas de uma única ciência ou grupo social; elas devem ser uma preocupação de todas as áreas do conhecimento, dos gestores e da sociedade em geral, que devem buscar a sustentabilidade. Como área de conhecimento, a Geografia vem contribuindo ao longo de sua história, pois são inúmeros profissionais que se dedicaram ao estudo e defesa do meio ambiente, proporcionando uma estreita relação entre a Educação Ambiental e a Geografia.

As atividades desenvolvidas pela AGB-PA

A Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre foi fundada em 19 de novembro de 1973. Considerada uma entidade de utilidade pública, tem por objetivos: o desenvolvimento do conhecimento geográfico; o aprimoramento científico e cultural; a discussão e encaminhamento das questões profissionais e das de interesse da sociedade, nas quais a contribuição do profissional em Geografia é pertinente. (BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA, 2000, n. 26, p. 282).

Em seu quadro de associados congrega estudantes e profissionais de Geografia e de áreas afins e desenvolve atividades para a comunidade de associados que compreendem a realização de eventos científicos, como jornadas, seminários e cursos; os tradicionais Encontros Estaduais de Geografia; publicações através do Boletim Gaúcho de Geografia (BGG); edição de obras destinadas à Geografia; divulgação de notícias de relevância para o meio geográfico; participação em projetos, estudos, campanhas e debates que integrem associação e sociedade, bem como a integração entre profissionais e acadêmicos dos cursos de Geografias (FONTOURA; DUTRA, 2004), num vasto leque de oportunidades de participação.

Os Encontros Estaduais de Geografia, organizados pela AGB, acontecem anualmente e tem um caráter itinerante pelas cidades do interior gaúcho; têm como objetivo principal “proporcionar um debate geográfico de qualidade para toda a comunidade geográfica do estado do RS”. Os encontros promovidos pela entidade vêm atender, também, aos objetivos de divulgação e socialização dos conhecimentos produzidos na Geografia entre os profissionais da área e de áreas afins; assim, reúnem geógrafos, professores de Geografia e acadêmicos dos diferentes municípios do Rio Grande do Sul, tornando-se de grande importância para a discussão das práticas pedagógicas e atuação do profissional da Geografia no mercado de trabalho. Os resultados desses eventos são divulgados entre os associados por meio de Anais ou do próprio Boletim Gaúcho de Geografia – daí a importância de se utilizar esses recursos como fontes de consulta.

³ Em suas pesquisas na Amazônia Sternberg preocupou-se tanto com a percepção dos recursos naturais, quanto pelo impacto ecológico causado pelo desmatamento para dar lugar a pastagens e cultivos agrícolas. (ANDRADE, 2005).

Além dos encontros, a AGB-PA também promove eventos com menor duração: são as “Jornadas Pedagógicas: Nossas Práticas, Nossos Desafios”. Iniciadas em 1997, as jornadas reúnem professores do ensino básico e têm por objetivo socializar propostas de trabalho e experiências desenvolvidas em sala de aula. O evento é promovido numa parceria com o Núcleo de Integração Universidade Escola da Universidade Federal do Rio Grande Sul – NIUE/UFRGS (FONTOURA; DUTRA, 2004). Os debates surgidos durante essas jornadas apresentam-se como uma importante oportunidade de reflexão sobre a prática pedagógica e as tendências da Geografia no âmbito didático.

Embora a maioria dos eventos tenha acontecido na capital gaúcha, a entidade o tem como itinerante; as cidades do interior gaúcho foram sede de diversos encontros, em parceria com entidades locais, possibilitando a participação regional.

Para os profissionais da Geografia, as atividades promovidas pela AGB-PA, são de suma importância para sua formação, atualização e reflexão das práticas profissionais, pois constituem momentos de socialização e discussão dos assuntos que fazem parte dos conhecimentos da Geografia, destacando-se a preocupação com as questões ambientais, tratadas nos Encontros Estaduais de Geografia e no Boletim Gaúcho de Geografia.

A questões ambientais nas publicações da AGB-PA

Um dos aspectos que caracteriza os títulos publicados no BGG, bem como nos Anais dos Encontros Estaduais de Geografia, é uma acentuada tendência interdisciplinar entre as diferentes áreas e temáticas abordadas, o que trouxe certa dificuldade na classificação dos textos. Buscou-se, neste trabalho, agrupar as publicações a partir de uma análise geral do tema central da produção, fazendo com que um mesmo texto atenda a mais de uma temática ao abordar aspectos que proporcionam conhecimentos das diferentes áreas da Geografia, possibilitando a interpretação, também, em outras áreas de conhecimento.

As questões ambientais, que envolvem a vida social em relação aos aspectos naturais, refletem, na produção geográfica, a preocupação do profissional geógrafo com as relações entre a sociedade e o meio ambiente. Embora a natureza sempre tenha sido objeto de estudo dos geógrafos, as mudanças ocorridas na Geografia brasileira ao longo dos anos levaram a discussões mais enfáticas sobre as questões ambientais, podendo-se dizer que o pensamento geográfico também prioriza a necessidade de ações que tenham por objetivo preservar a vida do planeta.

Embora a preocupação com as ações humanas no meio ambiente tenham surgindo ainda nas décadas de 1960 e 1970, foi a partir da década de 1980 que esses estudos tomaram maior consistência nas abordagens da AGB-PA. A década de 1980 foi marcada por grandes mudanças nos diferentes setores da sociedade brasileira. Foi o período do fim da ditadura militar e da reconquista da democratização do país; período que se destacou com intensa organização dos movimentos sociais nos mais diferentes setores, confirmando o retorno da democracia nacional; essa década, também, foi marcada por uma das maiores crises econômicas do país, com o aumento exagerado da inflação e o conseqüente aumento das desigualdades sociais. As transformações vividas pela sociedade influenciavam também a produção de conhecimentos em diferentes áreas e escalas sensibilizando para temas até então pouco discutidos e encorajando olhares sobre as formas da organização social e espacial e suas conseqüências.

Nas primeiras publicações do periódico da AGB-PA, os textos tratavam a temática ambiental por meio das produções de outros campos da Geografia, principalmente da Geografia Física e Urbana que, ao estudar os aspectos e as modificações da paisagem proporcionava conhecimentos sobre as questões ambientais do lugar. Mesmo aparecendo de

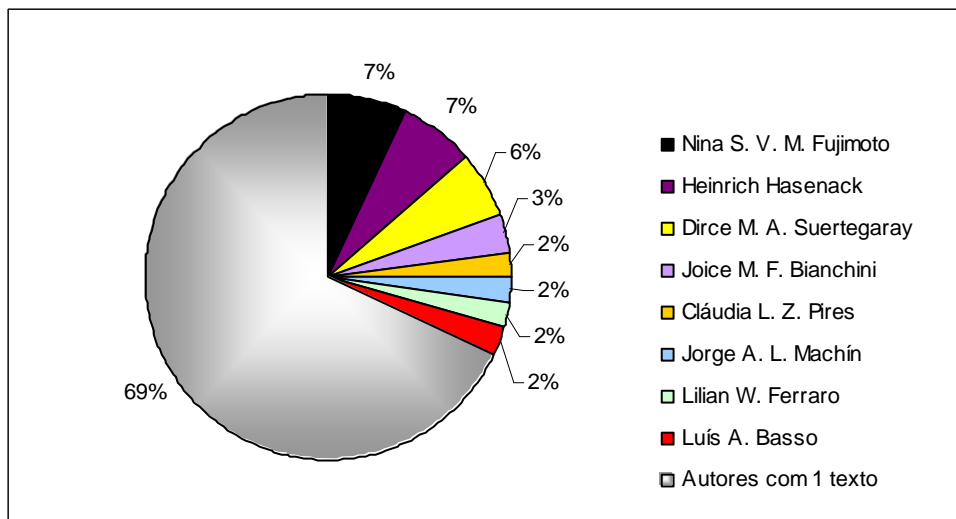
forma secundária, essas abordagens foram, provavelmente, influenciadas pelas políticas adotadas, principalmente a partir da década de 1950, que propunham a industrialização do país como forma de desenvolvimento, ignorando as repercussões ambientais. No entanto, com um período de grandes mudanças sociais, naturalmente as questões de preservação começam a ser tratadas de forma mais direta.

Assim, na década de 1980 começaram a ser publicadas no Boletim Gaúcho de Geografia produções voltadas às questões ambientais com análises das transformações feitas pelo homem e as consequências geradas pelas ações humanas sobre a paisagem. A exemplo consta no BGG número 13, de 1985, o artigo “A Geografia e a questão dos Agrotóxicos”, no qual Schäffer apresenta um breve histórico sobre o uso destes produtos no Brasil e chama a atenção para as questões relacionadas meio ambiente; a autora faz, também, uma tomada sobre as medidas que já vinham sendo adotadas, principalmente no Rio Grande do Sul, para minimizar o problema. Segundo autora, em 1982 foi aprovada pelo Rio Grande do Sul a lei 7747, pioneira no mundo subdesenvolvido quanto ao controle de registro e uso de agrotóxicos; a partir deste “marco” até 1985, onze estados brasileiros mobilizaram-se por iniciativas similares (1985, p.67). No artigo, Schäffer alerta sobre o papel do geógrafo frente aos problemas ambientais.

A partir da década de 1990, as discussões trazem preocupações efetivas com a problemática do meio ambiente, não só nas publicações do Boletim Gaúcho de Geografia, mas nos eventos promovidos pela entidade, abordando o tema nas produções/publicações do BGG, nas palestras, mesas redondas, oficinas e em espaços de diálogo; mais do que isto, como título central de eventos que a instituição promove como foi no XXIII Encontro Estadual de Geografia em que a temática central foi “A complexidade do espaço metropolitano: dinâmicas territoriais e problemas ambientais”.

Analisando as publicações da AGB-PA percebe-se que a temática ambiental aparece com destaque entre os 418 títulos analisados, publicados no periódico da entidade, pois 15,55% dos textos, o que equivale a 65 títulos, referem-se ao tema. Dentre os textos sobre meio ambiente citam-se os que resultam do estudo das interferências no meio pelo fator antrópico, análise ambiental, mudanças climáticas devido a alterações feitas pelo homem no meio, bem como aqueles que abordam o conhecimento e a percepção ambiental por parte de professores e alunos.

Dentre os 327 autores que colaboraram com produções para o Boletim Gaúcho de Geografia, 87 deles escreveram sobre as questões ambientais, embora não exclusivamente. Dentre eles, ganham destaque Heinrich Hasenack e Nina Simone Vilaverde Moura Fujimoto responsáveis por 9,09% desta produção, cada um; Dirce Maria Antunes Suertegaray, com 7,58% dos textos e Joice Maria Feijó Bianchini, com 4,55% da produção, como se pode verificar no Gráfico 1.

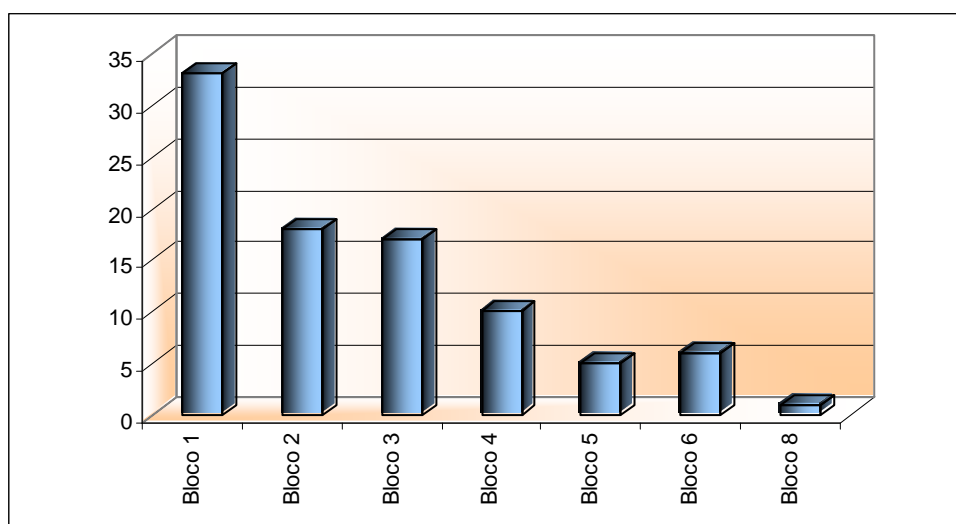


Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia, 1974 - 2007.

Gráfico 1: Comparativo do número de textos sobre estudos ambientais, por autor, 1974 – 2007.

Ainda, destacam-se aqueles autores com um ou dois textos, mas que trouxeram uma colaboração singular aos estudos ambientais. Aliados aos demais, colaboraram para que os leitores tivessem mais oportunidades de conhecimento sobre as problemáticas que afetam o meio ambiente, possibilitando outras leituras e percepções sobre o planeta; por isso pode-se considerar que os estudos publicados no periódico desempenham um importante papel na Educação Ambiental.

No Gráfico 2 é possível verificar a formação acadêmica dos autores que se dedicaram à temática das questões ambientais publicando seus estudos no BGG.



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia, 1974 - 2007.

Gráfico 2: Comparativo quanto ao nível formação acadêmica dos autores que escreveram sobre a temática ambiental, 1974 – 2007*

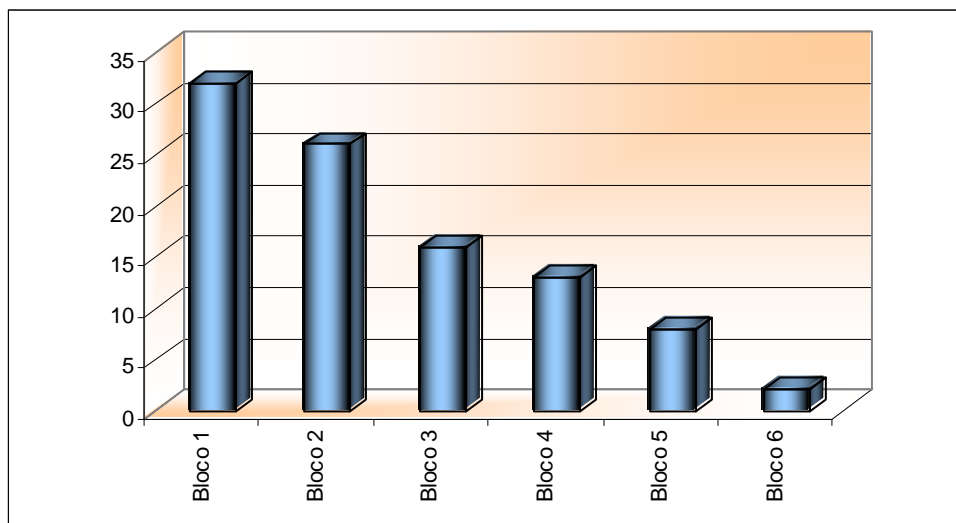
* **Bloco 1:** não identificado (37,93%); **Bloco 2:** acadêmicos (20,69%); **Bloco 3:** mestrados e mestres (19,54%); **Bloco 4:** doutorandos e doutores (11,50%); **Bloco 5:** geógrafos (5,75%); **Bloco 6:** licenciados em Geografia (6,89%); **Bloco 7:** alunos da especialização e especialistas (1,15%).

Quanto à formação acadêmica dos autores, verifica-se que na grande maioria são acadêmicos dos cursos de Geografia, pois dos autores identificados 21,59% (19 autores) são estudantes não graduados; a representação dos mestrados e mestres, tanto na área da Geografia quanto nas áreas afins, reúnem 19,32% autores; segue o grupo dos doutorandos ou doutores com 11,36%; também há a participação significativa de 6,81% de autores com licenciatura em Geografia e 5,68% são bacharéis em Geografia que, também tiveram presença significativa na produção do periódico.

Ao analisar o perfil de formação de quem publicou no BGG, encontra-se, de maneira significativa, a presença de autores com formação em áreas afins à Geografia; dentre os 87 autores analisados, sete têm formação acadêmica em outras áreas como arquitetos, veterinários, engenheiros agrônomos e biólogos, que representam 8,04% dos autores; a maioria destes tem nível de formação acadêmica em mestrado ou doutorado, embora alguns não tenham informado seu nível de formação.

No Gráfico 2, percebe-se que o maior número de autores não informou sua formação acadêmica, dificultando a identificação e caracterização do grupo, que é o maior da análise, com 37,50% dos autores. A análise sobre os autores, mostra que os acadêmicos dedicaram-se com mais afinco, pois é grande o número de publicações em que eles, em grupos ou individualmente, publicaram suas pesquisas universitárias.

Assim, juntamente com seus professores, os estudantes universitários têm uma vasta produção e publicação sobre as questões ambientais no BGG, colaborando para que se realize a Educação Ambiental através dos conhecimentos socializados, como se verifica no Gráfico 3, que faz um comparativo da atuação profissional dos autores.



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia, 1974 - 2007.

Gráfico 3: Comparativo quanto à atuação profissional dos autores que escreveram sobre a temática ambiental, 1974 - 2007

* **Bloco 1:** não identificado (36,78%); **Bloco 2:** professores do ensino superior (29,88%); **Bloco 3:** bolsistas e estagiários (18,39%); **Bloco 4:** pesquisadores, técnicos, consultores, assessores e geógrafos (14,94%); **Bloco 5:** coordenadores, supervisores e secretários (9,19%); **Bloco 6:** professor do ensino básico (2,30%).

Ao analisar o Gráfico 3, demonstrativo da atuação profissional dos autores, constatou-se que a maioria são professores do ensino superior e bolsistas ou estagiários em projetos de pesquisa, o que confirma a exposição anterior de que é grande a participação de professores que atuam junto com seus alunos, na produção publicada no BGG. Faz-se expressiva, também, a participação de pesquisadores, técnicos, consultores, assessores e geógrafos, que

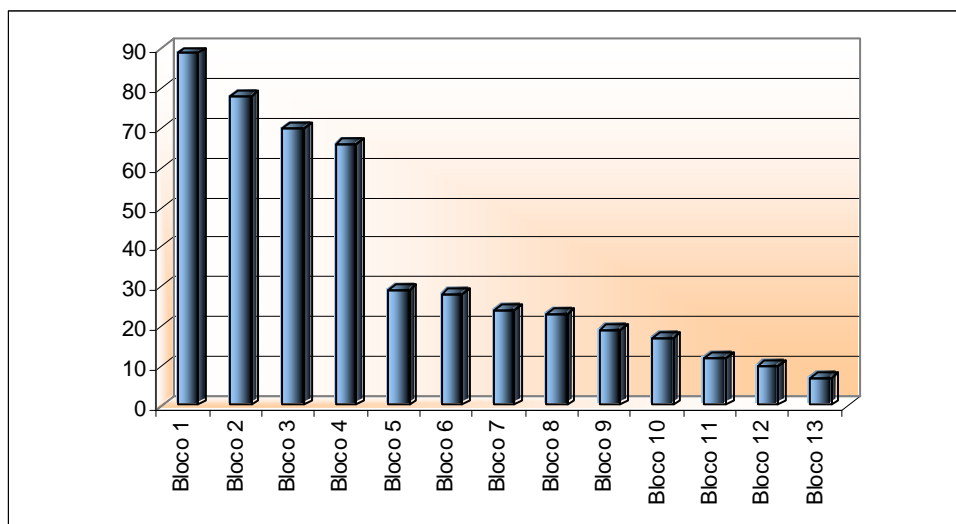
mediante sua atuação e estudos produziram e divulgaram conhecimentos sobre as questões do meio ambiente, evidenciando a importância do assunto nos temas de pesquisa, em investigações e/ou implicações.

Pouco expressiva é a participação de professores de ensino básico, pois dos 87 autores em análise, apenas dois são professores que atuam neste nível de ensino, representando apenas 2,27% dos autores que contribuíram com as publicações do BGG. Isso mostra a necessidade de ações que envolvam este importante grupo de profissionais para que a educação ambiental se efetive.

Alguns dos profissionais atuam em mais de uma profissão, assim, a análise contemplou as diversas áreas de atuação, considerando todas as atividades de quem publicou sobre “meio ambiente” no boletim, considerando as funções paralelas.

Os profissionais com outras áreas de formação como biólogos, veterinários, engenheiro agrônomo e arquiteto foram classificados como pesquisadores, pois ocupam cargos em laboratórios e programas de pesquisa. Analisando a formação e atuação dos autores vê-se confirmar o caráter de interdisciplinaridade da temática ambiental, pois integram um grupo preocupado com a preservação do meio ambiente.

No Gráfico 4, pode-se observar a recorrência de títulos que privilegiam os estudos ambientais.



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia, 1974 - 2007.

Gráfico 4: Comparativo das temáticas do Boletim Gaúcho de Geografia, 1974 - 2007*

***Bloco 1:** Ensino (21,29%) **Bloco 2:** Teoria, Construção e organização do espaço geográfico (18,66%); **Bloco 3:** Espaço urbano (16,75 %); **Bloco 4:** Estudos ambientais (15,79%); **Bloco 5:** Geografia física e climatologia (6,94%); **Bloco 6:** Questões socioeconômicas, tecnologia, comunicação e transporte (6,70%); **Bloco 7:** Espaço rural (5,74%) **Bloco 8:** Historiografia da Geografia e Geografia histórica e Conceituações em Geografia (5,50%); **Bloco 9:** Formação e exercício profissional (4,54%); **Bloco 10:** Representações espaciais e sistematização e/ou representação de informações geográficas (4,07%); **Bloco 11:** Antropologia, Sociologia e Toponímia (2,87%); **Bloco 12:** Produção de interesse da AGB-PA (2,39%); **Bloco 13:** Outros.(1,67%).

No comparativo sobre as temáticas abordadas nas publicações, Gráfico 4, objetiva-se identificar a relevância da temática ambiental nas publicações do BGG frente a outros temas abordados no periódico; para isso fez-se uma análise quanto a área de interesse dos textos publicados no boletim durante o período de 1974 – 2007. Dentre os 418 títulos analisados constatou-se que o maior número de textos refere-se à área do ensino, com 21,29% dos títulos (89 publicações), confirmando o vínculo que a AGB-PA sempre manteve com professores

tanto da educação básica quanto do ensino superior; são apresentados temas que atendem as pluralidades educacionais, dentre os quais se destaca a relação da educação com a preservação do meio ambiente. Percebe-se que o boletim é um instrumento que está a serviço dos professores e para os professores, que além de aprofundar seus conhecimentos com textos teóricos ou técnicos podem buscar apoio para desempenhar suas atividades docentes, ressaltando-se que a maior parte da produção é feita por professores do nível superior e por bolsistas.

Outros textos que merecem destaque contemplam ao bloco temático da Teoria, construção e organização do espaço geográfico, com 18,66% dos títulos (78 publicações). Essa temática está em segundo lugar no número de publicações agebeanas confirmando assim a preocupação do geógrafo com o território, seja na sua construção e/ou na sua gestão, pois os textos relatam questões de ocupação, colonização, povoamento e administração territorial, bem como as questões de região, regionalização e regionalismos em suas múltiplas tendências e leituras.

A problemática urbana, que atualmente é o foco de discussão no meio geográfico, foi outro tema significativamente abordado, representando 16,75% dos textos (70 publicações); presente desde o início do periódico, representa a preocupação que o profissional da Geografia tem com o espaço urbano e os problemas nele existentes.

A questão ambiental também tem destaque especial entre as publicações da AGB-PA, pois representa 15,79% dos textos com 66 títulos publicados no BGG. O que se percebe é que ora pode-se identificar o tema em textos que também tratam da educação, ora o tema foi identificado juntamente com textos sobre o urbano e o rural, bem como em textos sobre a Geografia Física e Climatologia; porém, são significativos os textos que discorrem especificamente sobre o meio ambiente; outros, tratam do meio ambiente no enfoque da formação e exercício da cidadania, trazendo questões relacionadas ao ensino e ao espaço urbano ou rural.

As questões socioeconômicas também se tornaram um foco de análise e produção com os autores discorrendo sobre a economia, transporte, tecnologias e comunicações, de forma que os leitores disponham de material para embasar suas pesquisas e estudos geográficos.

Nas pesquisas e análises de textos, confere-se que são amplos os temas e interesses abordados nas publicações da Associação de Geógrafos Brasileiros-Seção Porto Alegre, sendo um importante recurso para ser usado por professores e bacharéis da Geografia.

Percebeu-se que, embora atendam a outras temáticas que não a ambiental, as publicações se consolidam em subsídios para os estudos ambientais, pois conhecer conceitos geográficos, formação e organização territorial, relações socioeconômicas, novas tecnologias e formas de representação espacial é fundamental para uma Educação Ambiental que objetive a sustentabilidade e garanta o desenvolvimento aliado à conservação dos recursos naturais. Reforçando a importância da interdisciplinaridade, característica da Geografia, valoriza a importante contribuição dos profissionais desta ciência e de outras afins para a Educação Ambiental.

Em 1998, quando os anais do Encontro Estadual de Geografia deixaram de ser divulgados através dos BGGs⁴ eles passam a ser mais um meio de socialização da produção agebeana; por isso, analisou-se também os trabalhos que integram essa publicação da AGB-PA⁵, identificando o tema central do evento; os eixos temáticos que reúnem os trabalhos

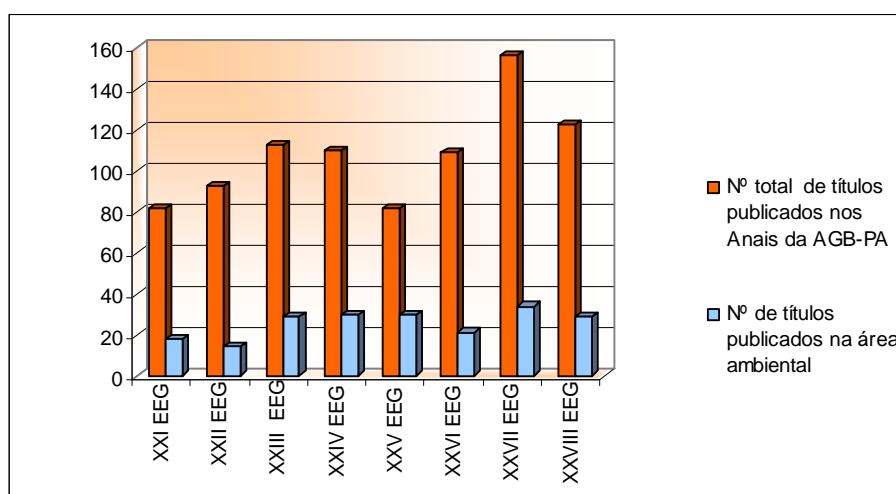
⁴ Dificuldades financeiras determinaram que os BGGs publicassem os anais dos Encontros em meados dos anos 90; a partir de 1998, os Anais começam a ser publicados em volume próprio e a partir do encontro de Caxias do Sul, tomam forma de livro e cuidados especiais na sua organização (FONTOURA, 2004). A partir de 2004 passaram a ser publicados em CD-rom.

⁵ A dificuldade em reunir todos os Anais dos Encontros Estaduais de Geografia limitou a análise dos eventos. Portanto apresenta-se uma síntese a partir de 2001, a qual não contempla os Anais de 1998, 1999 e 2000.

apresentados nos espaços de diálogo (EDs); as conferências, os minicursos e oficinas e seção de pôsteres. No último Encontro Estadual de Geografia, realizado em 2008 na cidade de Bento Gonçalves, proporcionou-se mais uma modalidade de trabalhos: o Salão do Material Didático onde os participantes podiam expor e apresentar suas produções; também esta modalidade foi privilegiada nos Anais através de textos que apresentavam os materiais e recursos e sua utilização nas aulas de Geografia.

Analisando os Anais, verifica-se que os textos resultam de diferentes formas de pesquisas acadêmicas como artigos produzidos com resultados de trabalhos de conclusão de curso de graduação; dissertações de mestrado e teses; trabalhos desenvolvidos em disciplinas acadêmicas; relatos de experiência; resultados de estudos de grupos de pesquisa; artigos produzidos para atender a uma demanda sem necessariamente estarem ligados a um trabalho maior.

No Gráfico 5 pode-se observar a participação de trabalhos publicados em Anais dos Encontros Estaduais de Geografia.



Fonte: Anais dos Encontros Estaduais de Geografia 2001- 2008.

Gráfico 5: Comparativo do número de títulos publicados nos Anais dos Encontros Estaduais e a participação de temas que abordam as questões ambientais

Analisando o Gráfico 5 percebe-se que dentre os eventos que congregaram maior número de trabalhos publicados está o encontro realizado em Santa Maria, em 2007. O município de Santa Maria localiza-se no centro do estado, facilitando o acesso de participantes de várias partes do Rio Grande do Sul, o que pode ter influenciado no número de participantes e, por decorrência, de trabalhos apresentados, resultando num maior número de publicações nos Anais.

A temática ambiental se fez presente em todos os Anais analisados, sendo que entre os 869 títulos publicados, 205 referem-se à temática, representando 23,59% da produção, que foi abordada em diferentes espaços de diálogo e em eixos especiais nomeados pela própria temática. Dentre a recorrência do tema nos Anais dos encontros verifica-se a seguinte tabela:

Tabela 1: Representação da produção ambiental nas abordagens em Anais (AGB-PA).

Evento/Ano/Local	Local	Percentual de títulos na área ambiental
XXI EEG/ 2001	Caxias do Sul	21,95%
XXII EEG/ 2002	Rio Grande	15,5%
XXIII EEG/ 2003	Canoas	25,66%
XXIV EEG/ 2004	Santa Cruz do Sul	27,27%
XXV EEG/ 2005	Passo Fundo	35,58%
XXVI EEG/ 2006	Porto Alegre	19,26%
XXVII EEG/ 2007	Santa Maria	21,665%
XXVIII EEG/ 2008	Bento Gonçalves	23,58%

Fonte: Anais dos Encontros Estaduais de Geografia, 2001 – 2008.

Os números apresentados refletem a importância de se discutir a problemática ambiental e buscar soluções, objetivando a preservação dos recursos naturais. Para isso é necessário que se efetive uma educação ambiental crítica e consciente das limitações do planeta; uma educação que informe com conhecimentos técnicos e objetivos, mas que antes de tudo desperte para a cidadania.

Considerações finais

Nas produções agebeanas pode-se observar que as questões ambientais são analisadas em diversos aspectos, abordando desde proposições de metodologias para estudos ambientais, como por exemplo o texto de Possas “Educação Ambiental e Recursos Hídricos: proposta de metodologia”, até estudos específicos de diferentes áreas – os chamados “estudos de caso”, como no texto de Rehbein e Fujomoto “Análise Ambiental: Vila Augusta/Viamão/RS”. Em menor número estão os textos que abordam a educação ambiental especificamente, mas de fundamental importância para se conhecer as relações e ações entre sociedade e meio ambiente e assim fornecer subsídios para o educador ambiental desenvolver seus trabalhos independentemente de sua área de formação.

Considera-se ainda que o conhecimento produzido e divulgado nas publicações agebeanas atua como fonte de educação ambiental, pois conhecer o meio ambiente e os problemas que o afetam é o caminho para melhor entender necessidade de cuidar do planeta com ações mais conscientes e solidárias.

As publicações da AGB-PA constituem-se, portanto num veículo de divulgação ao alcance de professores, acadêmicos, profissionais de diferentes áreas, enfim, de todos os interessados em conhecer e discutir a produção gaúcha sobre Geografia em suas diversas áreas de abrangência e a Educação Ambiental de forma especial.

Embora a reduzida participação dos professores do ensino básico, os quais estão envolvidos diretamente na educação ambiental de crianças e adolescentes, identifica-se que um importante rol de autores, diferentes profissionais, reuniu os resultados de suas pesquisas ou as constatações cotidianas nas suas relações de trabalho em favor de uma educação ambiental voltada para a sustentabilidade e vida do planeta Terra.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correa de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Ed. Atlas, 1992.

_____. *Geografia, ciência da sociedade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. Educação Ambiental: dentro e fora da escola. *Ciência Geográfica*, Bauru, nº. 8, p.36 – 40, setembro/dezembro, 1997.

MENDONÇA, Francisco. *Geografia e meio Ambiente*. São Paulo: Contexto, 2005.

POSSAS, Heloisa Pauli. Educação Ambiental e Recursos Hídricos: proposta de metodologia. *Boletim Gaúcho de Geografia*. Porto Alegre, nº 26, p. 199 – 215, 2000.

REHBEIN Moisés Ortemar; FUJOMOTO, Nina Simone Vilaverde. Análise Ambiental: Vila Augusta/Viamão/RS. *Boletim Gaúcho de Geografia*. Porto Alegre, nº 33, p. 215 – 232, 2007,

SCHÄFFER, Neiva Otero. A Geografia e a questão dos Agrotóxicos. *Boletim Gaúcho de Geografia*. Porto Alegre, nº 13, p. 63 – 74, 1985.

SILVA, Josélia Saraiva e. Reflexões sobre a consciência ambiental e formação de professores para o ensino de geografia. *Ciência Geográfica*. Bauru, nº. 1, p.63 – 67, janeiro/abril, 2005.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; SCHÄFFER, Neiva Otero. Análise Ambiental: a atuação do geógrafo para e na sociedade. *Terra Livre: geografia e questão ambiental*. São Paulo, nº 3, p. 89 – 103, 1988.

VELOSO, Maria Elizabeth de Lima. *O geógrafo e a futura série iso 14.000*. In: Geógrafos: legislação, formação e mercado de trabalho. São Paulo: AGB e CONFEA, 1996.

BGGs usados como fonte de pesquisa: n. 1, 1974; n. 2, 1975; n. 3, 1975; n. 4, 1975; n. 5, 1976; n. 6, 1977; n. 7, 1979; n. 8, 1980; n. 9, 1981; n. 10-11, 1983; n. 12, 1984; n. 13, 1985; n. 14, 1986; n. 15, 1987; n. 16, 1988; n. 17, 1989; n. 18, 1991; n.19, 1994; n. 20, 1995; n.21, 1996; n. 22, 1997; n. 23, 1998; n. 25, 1999; n. 26, 2000; n. 27, 2001; n. 28 (v. 1 e v. 2), 2002; n. 29, 2003; n. 30, 2004; n. 31, 2005; n. 32, 2006 e n. 33, 2007.

Anais analisados:

ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA – Os novos contextos urbano-industriais e turísticos, 21, 2001, Caxias do Sul. *Anais*. Porto Alegre: AGB, 2001.

ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA – As múltiplas concepções da questão regional no Rio grande do Sul, 22, 2002, Rio Grande. *Anais*. Porto Alegre: AGB, 2002.

ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA – A complexidade do espaço metropolitano: dinâmicas territoriais e problemas ambientais, 23, 2003, Canoas. *Anais*. Porto Alegre: AGB, 2003.

ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA – Território, sociedade e natureza: novas dinâmicas espaciais, 24, 2004, Santa Cruz do Sul. *Anais*. Porto Alegre: AGB, 2006.

ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA – Geografar é preciso, 25, 2005, Passo Fundo. *Anais*. Porto Alegre: AGB, 2006.

ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA – A metrópole e sua multiterritorialidade, 26, 2006, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: AGB, 2006.

ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA – A formação do profissional de Geografia, 27, 2007, Santa Maria. *Anais*. Porto Alegre: AGB, 2007.

ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA – Geografia em Transformação, 28, 2008, Bento Gonçalves. *Anais*. Porto Alegre: AGB, 2008.